



MARACATU SOLAR: TESSITURAS ENTRE INDUMENTÁRIA, FOTOGRAFIA E MEMÓRIA

Maracatu solar: interweavings between costume, photography, and memory

Ribeiro, Sara Saraiva; Graduada; Universidade Federal do Ceará, sararibeiro@alu.ufc.br¹

Batista, Maria Suely; Graduada; Universidade Federal do Ceará, suely.batista@alu.ufc.br²

Mendes, Francisca Raimunda Nogueira; Doutorado; Universidade Federal do Ceará, franciscamendes@ufc.br³

Resumo: Através da fotografia é possível registrar momentos e gerar memórias. Ademais a indumentária pode conter uma narrativa e tornar-se um documento visual capaz de comunicar e perpetuar uma cultura. Utilizando de pesquisa bibliográfica e documental, este artigo propõe uma análise de fotografias do Maracatu Solar, com o objetivo de investigar como a relação entre vestimenta e fotografia pode atuar na preservação da memória do Maracatu. Os resultados indicam que os registros fotográficos do Solar são guardiões da sua trajetória e que as vestimentas eternizadas neles comunicam o seu posicionamento político e cultural, contribuindo assim para a preservação da memória do maracatu cearense.

Palavras chave: Indumentária; fotografia; memória.

Abstract: Through photography, it is possible to record moments and create memories. Moreover, clothing can contain a narrative and become a visual document capable of communicating and perpetuating a culture. Drawing on bibliographical and documentary research, this article proposes an analysis of photographs of Maracatu Solar, with the aim of investigating how the relationship between clothing and photography can contribute to the preservation of Maracatu memory. The results indicate that the photographic records of Solar serve as guardians of its trajectory and that the garments immortalized in them communicate its political and cultural positioning, thus contributing to the preservation of the memory of the cearense maracatu.

Keywords: Costume; photography; memory.

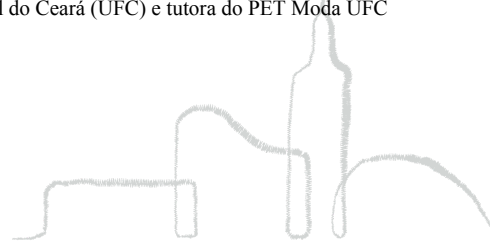
Introdução

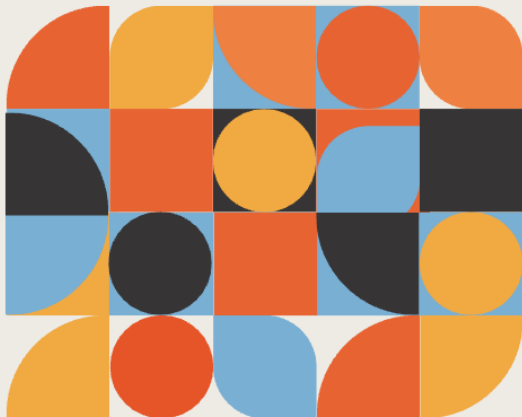
Este artigo propõe, por meio de pesquisa documental e bibliográfica, compreender de que forma a fotografia da indumentária utilizada pelo Coletivo Solar atua como elemento de preservação da memória do Maracatu. Associar fotografia, indumentária e memória revela-se pertinente ao constatarmos que, para além de

¹ Estudante de graduação do curso de Design-Moda da Universidade Federal do Ceará e membro do grupo de pesquisa em Moda PET (Programa de Ensino Tutorial).

² Estudante de graduação do curso de Design-Moda da Universidade Federal do Ceará e membro do grupo de pesquisa em Moda PET (Programa de Ensino Tutorial).

³ Historiadora, Mestre e Doutora em Sociologia. Professora do Curso de Design-Moda da Universidade Federal do Ceará (UFC) e tutora do PET Moda UFC





cobrir o corpo, a vestimenta é um componente da moda que atende a “um desejo de representação” (Boucher, 2010, p.13) e que também opera como um marcador de memória, possibilitando acessar no presente um “conhecimento relacionado ao passado” (Ferreira, 2015, p.03).

A fotografia, por sua vez, além de sua dimensão artística, possui caráter documental que “atravessa décadas”, constituindo “uma forma particular de produção de memória, tornando visível o que se pretende preservar” (Kossoy, 2001). O estudo será aplicada em seis fotografias, selecionadas pelo critério de representar o início do grupo, em 2007, a trajetória intermediária, em 2018, e o desfile mais recente de 2023, registrado no livro *No Solar dos Ritmos – Maracatu Cearense*, de Catherine Furtado e Pingo de Fortaleza.

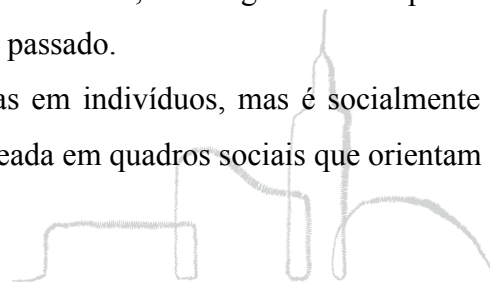
Indumentária, fotografia e memória

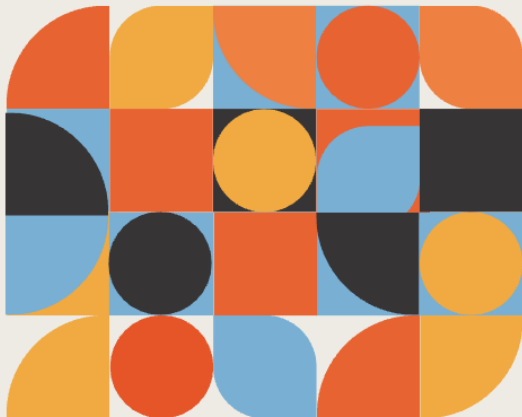
Indumentária, fotografia e memória constituem campos interligados da produção simbólica e cultural. A indumentária, além de cobrir o corpo, atua como um signo carregado de significados sociais, históricos e identitários. Trata-se de uma prática cultural situada, que envolve o corpo e os adornos, bem como os sentidos coletivamente construídos (Entwistle, 2000). Dessa forma, o vestir configura-se como uma linguagem capaz de expressar pertencimentos, narrativas e valores por meio de tecidos, cores e formas (Calefato, 2004).

Ao selecionar elementos estéticos como materiais, padronagens ou símbolos, os grupos sociais codificam mensagens que constroem identidade e memória. Para Boucher (2010), a indumentária responde a um desejo de representação, funcionando como um arquivo visual que registra saberes, vivências e trajetórias. Isso a torna um elemento-chave para a compreensão das manifestações culturais e da construção de vínculos comunitários ao longo do tempo.

A fotografia, por sua vez, constitui um meio de fixar e transmitir imagens do real. Barthes (1984) afirma que toda fotografia carrega a marca do que “existiu”, funcionando como prova da passagem do tempo. Sontag (1977), por sua vez, entende a fotografia como um instrumento de escolha e interpretação da realidade, que recorta o mundo e transforma fragmentos visuais em registros significativos. Assim, as fotografias não apenas documentam, mas também moldam as formas de ver, lembrar e imaginar o passado.

No campo da memória, compreende-se que esta não reside apenas em indivíduos, mas é socialmente construída. Halbwachs (2004) propõe o conceito de memória coletiva, baseada em quadros sociais que orientam





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

o que é lembrado ou esquecido. Pollak (1989) reforça essa perspectiva ao apontar que a memória é seletiva, permeada por disputas, silêncios e esquecimentos estratégicos. Nessas disputas, as imagens, incluindo as vestes e seus registros, desempenham um papel central ao tornar visíveis determinadas narrativas e ocultar outras.

Assim, quando veste e foto se articulam, produzem um campo possível de preservação da memória cultural. As roupas cerimoniais ou de performance podem remeter a mitos, ancestralidades e identidades, enquanto sua documentação fotográfica transforma o momento em memória materializada. Essas fotografias funcionam como lugares de memória, acessíveis e passíveis de reinterpretar-se ao longo do tempo (Nora, 1984).

Cultura, Maracatu e Maracatu Solar

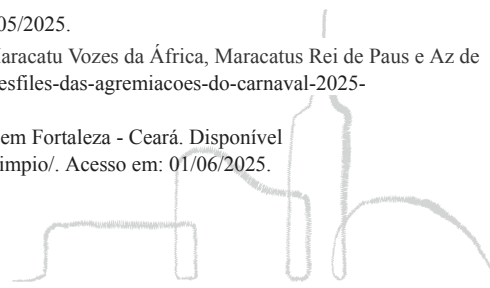
Considerada a característica que diferencia os seres humanos dos demais, a cultura possui muitas definições, e a complexidade em conceituá-la se equipara ao desafio de colocar em palavras a própria natureza humana. Seguiremos, neste artigo, o conceito moderno de cultura, que se aproxima da transmissão social de “símbolos e significados” e se afasta das aptidões e definições biológicas (De Barros Laraia, 1986, p.31).

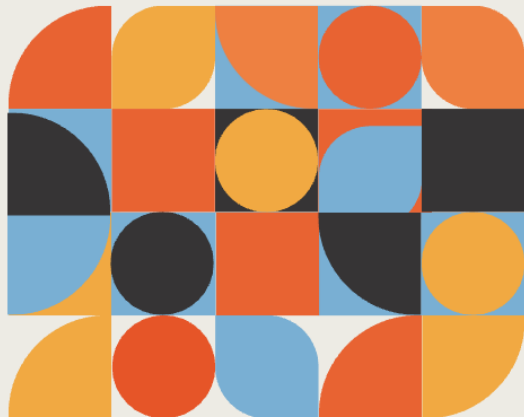
O maracatu é uma manifestação cultural musical e performática de origem afro-brasileira que remonta ao período colonial. Na prática, consiste em cortejos sincréticos nos quais comunidades performam com cantos e danças, reencenando histórias, homenageando antepassados e realizando coroações simbólicas de reis e rainhas do Congo. Esses cortejos incorporaram elementos de religiosidade afro, como loas⁴, toques de tambores ligados a orixás e referências estéticas da estrutura da corte europeia (Cruz, 2008, p.91). Mais presente no nordeste brasileiro, o maracatu recebe nos diferentes estados, influências religiosas, rítmicas e das comunidades possibilitando diferentes manifestações. O maracatu cearense tem como marco de nascimento o ano de 1936, quando foi fundado o ainda atuante Maracatu Az de Ouro (Rodrigues, 2011, p.112). Desde então o número de grupos vem crescendo em Fortaleza, reunindo em 2025, brincantes em 15 maracatus⁵ que desfilaram no tradicional carnaval da Avenida Domingos Olímpio⁶. O Maracatu Solar foi criado em 2006 pelo Pingo de

⁴ Loa - Cantigas populares em louvor dos santos. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/loa/>. Acesso em: 10/05/2025.

⁵ Destacam-se no desfile 2025 os campeões Maracatu Nação Pici, Axé de Oxóssi, Obalomí, respectivamente, Maracatu Vozes da África, Maracatus Rei de Paus e Az de Ouro. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/prefeitura-de-fortaleza-divulga-o-resultado-dos-desfiles-das-agremiacoes-do-carnaval-2025-na-domingos-olimpio/>. Acesso em: 20/06/2025.

⁶ Avenida Domingos Olímpio - Local que tradicionalmente recebe os desfiles dos maracatus durante o carnaval em Fortaleza - Ceará. Disponível em: <https://www.jangadeiro.com.br/jornal-jangadeiro/tradicao-dos-maracatus-encanta-o-publico-na-domingos-olimpio/>. Acesso em: 01/06/2025.





Fortaleza⁷, em parceria com artistas cearenses. Sua sede localizada no bairro Benfica, concentra seu projeto de formação continuada, atelier e esse vem se consolidando como representante do maracatu cearense, distinguindo-se por um caráter musical inclusivo, ao construir seu batuque com um conjunto de instrumentos que possibilita alcançar as estruturas rítmicas do Baião, Samba, Maxixe e Lundu (Furtado, 2023, p.21).

Esteticamente, o Solar apresenta uma proposta que privilegia materiais como algodão, chita⁸ e palha em suas vestimentas e adereços. Desta forma, o grupo estabelece uma conexão simbólica com elementos das culturas afro-indígenas, resgatando cores, formas e texturas que remetem aos povos originários, se distanciando da proposta presente em outros grupos de maracatus, que priorizam o uso de roupas com brilho e grandes adereços (Souza, 2015, p.218). Em suma, o Maracatu Solar oferece um espaço que concilia tradição e inovação. Essa história pode ser observada nas fotografias que analisaremos no próximo tópico, a fim de compreender como esses registros visuais contribuem para a memória cultural do Maracatu.

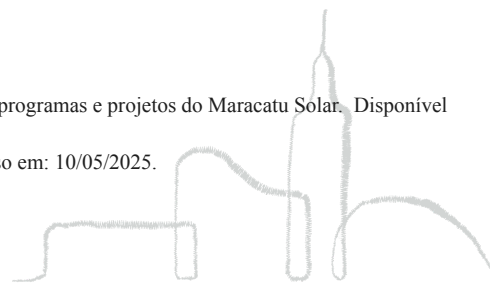
Tecendo indumentária, fotografia e memória

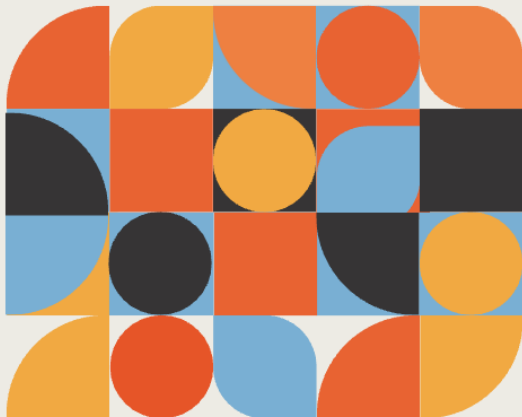
Considerando que momentos podem ser eternizados pela fotografia e que a vestimenta constitui um recurso de comunicação narrativa, selecionamos, dentre um acervo de sessenta e uma imagens presentes no livro *No Solar dos Ritmos: Maracatu Cearense*, lançado em 2023, seis fotografias para análise nesta pesquisa. A escolha contemplou o tempo como fator decisivo, uma vez que essas imagens representam os primeiros passos do grupo em 2007, a trajetória intermediária em 2018 e a produção mais contemporânea registrada em 2023.

Na figura 1 temos a estampa da camisa de 2007 com um desenho central de um sol com traços objetivos e marca a estreia do coletivo nos carnavais de Fortaleza, com o tema “Dance nessa luz”. A escolha das cores amarelo que remete ao sol e marrom que remete a terra, carrega emoção e sintetiza a identidade do Solar, uma vez que “a cor é a parte mais emotiva do processo visual. Possui uma grande força e pode ser empregada para expressar e reforçar a informação visual.” (Gomes Filho, 2004, p. 65).

⁷ Pingo de Fortaleza - Artista cearense, escritor, pesquisador e gestor cultural. Fundador e atual coordenador de programas e projetos do Maracatu Solar. Disponível em: <https://www.digitaldamusicacearense.com.br/pingo-de-fortaleza/biografia/>. Acesso em: 10/05/2025.

⁸ Chita - Tecido ordinário de algodão, estampado a cores. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/chita/>. Acesso em: 10/05/2025.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Figura 1: Fotografia brincantes, 2007; Estampa camisa, 2007.



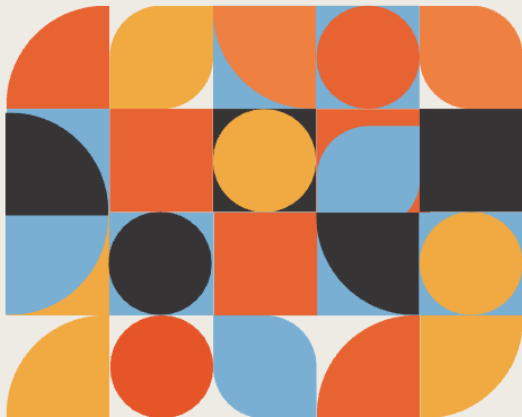
Fonte: Compilação do autor.⁹

Ainda na figura 1, o artista plástico Jander MacGyver foi o responsável pelos figurinos de estreia do grupo, este optou por uma proposta associada às tradições afro-indígenas, com o uso de materiais como, palha, algodão e chita (Furtado, 2023, p.38). O enaltecimento da África, da vestimenta e do batuque, ficou também registrado na loa de 2007, que fala “...a aurora de um sonho, vivido na África, de saia rodada, nessa batucada.” O negrume ainda presente marca o momento inicial do Solar, onde está sendo construída uma consciência crítica sobre algumas tradições que serão abolidas futuramente (Furtado, 2023, p. 38).

Na figura 2, à esquerda, o cortejo noturno do Maracatu Solar em plena performance urbana, e à direita, o estandarte bordado com a frase “Corpo que brinca é corpo de luta”. A movimentação dos corpos, a vibração cromática dos figurinos e o cenário noturno evidenciam o protagonismo estético-político da rua como palco simbólico. Conforme Furtado (2023), o ato de brincar no Solar não se limita à expressão lúdica, mas atua como uma forma de ressignificação do espaço urbano por meio do corpo, que se torna veículo de resistência e intervenção cultural. A escolha por desfilar à noite reforça esse gesto de deslocamento e reinvenção dos códigos do maracatu em diálogo com a cidade contemporânea.

⁹ Imagens encontradas no livro FURTADO, Catherine; MILITÃO, João Wanderley Roberto (Pingo de Fortaleza). **No Solar dos Ritmos: Maracatu Cearense. Parte 1.** Fortaleza: Associação Cultural Solidariedade e Arte – SOLAR; Expressão Gráfica e Editora, 2023. 192 p. ISBN 978-65-5556-700-7.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Figura 2: Fotografia brincantes, 2018.

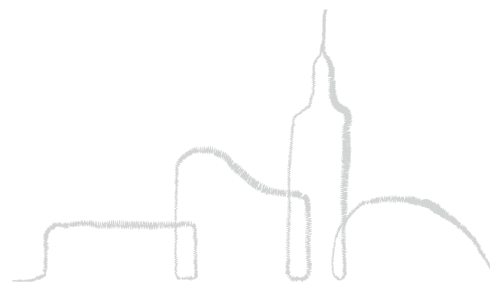


Fonte: Compilação do autor.¹⁰

O estandarte, por sua vez, não apenas identifica o grupo, mas também sintetiza sua proposta estética e política. A frase presente no mesmo, manifesta o compromisso do coletivo em unir celebração e consciência crítica, transformando a visualidade em um enunciado político. Segundo Furtado (2023), o Maracatu Solar opera entre tradição e invenção, recusando fixações em modelos rígidos e propondo um movimento contínuo de recriação simbólica. Assim, a imagem analisada não se limita ao registro de um momento festivo, mas se configura como testemunho visual da potência do maracatu como linguagem viva e transformadora.

A figura 3 é referente ao ciclo carnavalesco de 2023, representa a imagem de uma criança, de mãos dadas com um adulto, sugere uma dimensão intergeracional da memória: a transmissão do saber e da tradição através do afeto e da vivência. Conforme Felix (2023), o branco, comumente associado às religiões de matriz africana, remete à ancestralidade, à espiritualidade e à pureza. Já o croqui ao lado, com a legenda “A maré mudou, foi Oxumarê!”, traz a representação do orixá ligado à renovação e à continuidade (Verger, 2002), com indumentária repleta de cores vibrantes e elementos simbólicos, como braceletes e saias volumosas. o processo criativo do figurino também pode ser compreendido como um dispositivo de memória. Enquanto a fotografia afirma a existência de um acontecimento, como aponta Barthes (1984), o croqui apresenta uma antecipação simbólica desse real, funcionando como um planejamento visual que orienta a memória futura.

¹⁰ Imagens encontradas no livro **No solar dos ritmos**, já referenciado.



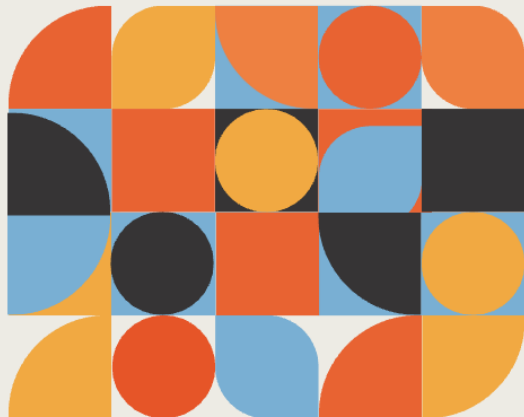


Figura 3: Fotografia brincantes, 2020; Croqui figurino, 2023.



Fonte: Compilação do autor.¹²

Enquanto a fotografia afirma a existência de um acontecimento, como aponta Barthes (1984), o croqui apresenta uma antecipação simbólica desse real, funcionando como um planejamento visual que orienta a memória futura. Essa concepção dialoga com a ideia de "memória prospectiva", entendida como a capacidade de projetar ações e significados que ainda serão vivenciados, conforme discute Pollak (1989) ao abordar os mecanismos sociais que organizam o que será lembrado ou esquecido. O processo criativo dos figurinos, ao mobilizar elementos corporais e ancestrais, reforça a construção de uma memória visual projetada para as futuras performances do grupo.

As três composições fotográficas mostram que o Maracatu Solar se utiliza da indumentária como um meio de comunicação cultural, enquanto a fotografia atua como registro documental que contribui para a preservação da memória. Conforme Kossoy (2001), a fotografia desempenha a função de tornar visível aquilo que se deseja preservar, transformando momentos em documentos visuais dotados de valor histórico. A indumentária e a sua representação imagética constroem uma narrativa visual que articula passado, presente e futuro, seja ao confrontar tradições controversas, celebrar a coletividade ou projetar novos significados para a herança afro-diaspórica no contexto urbano cearense.

Considerações finais

A partir da pesquisa realizada, foi possível constatar que o registro fotográfico contendo a indumentária

¹¹ Imagens encontradas no livro *No solar dos ritmos*, já referenciado.

¹²





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

no contexto do Maracatu Solar desempenha um papel na preservação e atualização da memória coletiva do maracatu cearense. As imagens das vestimentas utilizadas pelo grupo, marcadas pela escolha consciente de materiais, formas e simbologias, funcionam como instrumentos de comunicação identitária e de resgate de referências culturais afro-indígenas. A fotografia, ao registrar experiências, atua como um depósito de expressões estéticas de um contexto histórico, transformando momentos em documentos culturais que podem ser revisitados e reinterpretados pelas gerações futuras.

A análise das imagens do Maracatu Solar evidencia a potência da indumentária como linguagem simbólica e da fotografia como dispositivo de memória. Juntas, essas ferramentas constroem uma narrativa visual que transcende o mero registro estético, revelando processos de resistência e ancestralidade. Do surgimento em 2007 às criações mais recentes, o coletivo Solar carrega no corpo e registra na imagem um projeto político-cultural de renovação do maracatu no Ceará, onde vestir-se é também um ato de memória, e ser brincante é, sobretudo, um gesto de luta.

Conclui-se, portanto, que a intersecção entre vestimenta e fotografia possibilita não apenas a documentação de uma manifestação cultural, mas também a sua reinvenção constante, contribuindo para que a memória do Maracatu permaneça viva, crítica e em diálogo com o tempo presente.

Referências

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Tradução: Júlio Castañon Guimarães. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

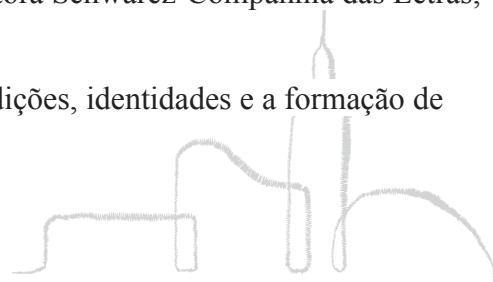
BOUCHER, François. **História do vestuário no Ocidente**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

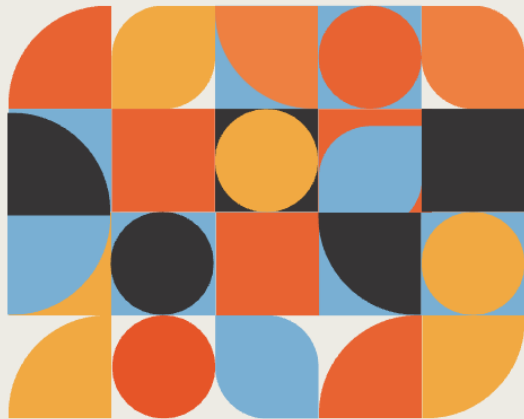
CALEFATO, Patrizia. **A linguagem da moda**: uma introdução. Tradução: Andréa Stahel Morgan. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2004.

CRUZ, Danielle Maia. **Sentidos e significados da negritude no Maracatu Nação Iracema**. 2008.

DE BARROS LARAIA, Roque. **Cultura**: um conceito antropológico. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 1986.

DE SOUZA, Marcelo Renan Oliveira. **Maracatus de Fortaleza**: entre tradições, identidades e a formação de um patrimônio cultural.





ENTWISTLE, Joanne. **O corpo e a moda**: uma abordagem sociológica. Tradução: Heloísa Gonçalves. São Paulo: Senac, 2000.

FELIX, Brenda Luiza Lobo. **A identidade negra e a representação afrofuturista no filme Black is King**. 2023.

FERREIRA, Diêgo Jorge Lobato. **A moda pelo viés da memória**: das passarelas para o museu. Anais do Moda Documenta: Museu, Memória e Design–Maio, 2015.

FURTADO, Catherine; Pingo de Fortaleza. **No solar dos ritmos**: maracatu cearense. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora/Associação Cultural Solidariedade e Arte - SOLAR, 2023.

GOMES FILHO, João. **Gestalt do objeto**: sistema de leitura visual da forma. Universo dos Livros Editora, 2022.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2004.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 7–28, dez. 1993. (original francês: 1984).

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3–15, 1989.

RODRIGUES, Lea Carvalho (Ed.). **Rituais, dramas e performance**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

SILVA, Nelo Francisco da. **Cultura Afro Brasileira**: dança do Maracatu no Ceará e as suas representações. 2016.

SOUZA, Marcelo Renan Oliveira de. **Maracatus de Fortaleza**: entre tradições, identidades e a formação de um patrimônio cultural. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.anpuh.org.br/>. Acesso em: [02/05/2025].

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Tradução: Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás**: Deuses iorubás na África e no Novo Mundo. São Paulo: Corrupio, 2002.

